As fachadas dos edifícios religiosos de Guimarães no espaço urbano (sécs. XVI-XVIII)

António José de Oliveira
Doutor em História da Arte Portuguesa | Docente na Escola EB 2,3 Caldas das Taipas | Membro da direção da Muralha-associação de Guimarães para a defesa do património

O próspero crescimento ao longo dos séculos atraiu à atual cidade de Guimarães, vila até 22 de Junho de 1853, um número crescente de habitantes dos mais diversos ofícios e estratos sociais que obviamente imprimiram uma fisionomia característica à estrutura urbana, mas que cuja tipologia própria se reflete na existência de um dédalo de ruas medievais confinadas numa malha urbana estreita, que nos oferecem muitas vezes a surpresa de desembocar em praças e terreiros monumentais ou em espaços valorizados com edifícios de mole imponente construídos em época posterior já no século XVII e XVIII, em que as edificações de estilo Barroco e Rococó se destacam no meio do apinhado casario medieval.

O núcleo urbano do centro histórico de Guimarães que desde cedo se destacou no noroeste de Portugal, não é de estranhar que tenha atraído uma diversidade de artesãos e mestres de diversos ofícios, que para além de contribuírem por iniciativa própria ou por outrem para a transformação e enriquecimento do património construído, deram uma feição peculiar à morfologia urbana do burgo, não apenas em relação à tipologia das construções, mas também a ruas inteiras, onde surgem ligados aos diversos mesteres.

Esta cidade que conseguiu atravessar o tempo mantendo viva a mensagem do seu passado, possibilita a todos aqueles que a percorrem atentamente, constatar o labor artístico de mestres oriundos de diferentes locais do noroeste peninsular, que encontravam um desenvolvimento construtivo bastante significativo nesta cidade, que lhes possibilitava manter em laboração toda a sua vasta oficina que compreendia aprendizes, obreiros e oficiais.

A partir dos finais do século XVI, a Colegiada constituíra-se como o principal poder do concelho, ocupando o lugar que fora até aí da corte bragantina. Até finais do século XVII, ela será o pólo dinamizador de Guimarães, mas rapidamente os conventos masculinos e femininos da vila e dos arredores, a Misericórdia e as Ordens Terceiras competem com a Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. Nos domínios da arquitetura e das artes decorativas, estas instituições desempenham um papel fundamental. Nesse âmbito, são

chamados a Guimarães conceituados artistas, maioritariamente portuenses, barcelenses, bracarenses e do reino da Galiza, com os quais penetraram na vila novos discursos artísticos.

Nos derradeiros anos do século XVII e na centúria seguinte, a morfologia urbana de Guimarães sofre alterações significativas, particularmente no levantamento e remodelação de edifícios religiosos e civis e de infraestruturas urbanas. Nesse período, a atividade arquitetónica em Guimarães desenvolveu-se em três grandes áreas: imóveis construídos de raiz; conclusão de programas construtivos anteriores; e acrescentamento de estruturas barrocas nos edifícios medievais.

Antes de dissertar sobre um edifício religioso, temos que perceber porque motivo, esta ou aquela zona do aglomerado vimaranense se destacou, em dado momento, em detrimento de outros; porque é que certas artérias do espaço urbano ganharam a forma com que chegaram aos nossos dias; qual o fundamento, para a edificação de conventos e igrejas em determinadas ruas e praças. Na realidade, além de reconstituir a atividade artística de mestres e oficiais é necessário relacionar a produção artística ao pulsar da urbe e dos seus inúmeros encomendadores.

Edifícios tais como a Colegiada e a Casa do Cabido, bem como Convento de Santa Clara vão adquirir grande individualidade e expressão no seu posicionamento urbano. Por exemplo, no século XVI, a Colegiada localizada na Praça de Santa Maria, centro vital de Guimarães, que polarizava os interesses da população urbana, é ampliada com a construção de uma torre na sua fachada principal, aí se instalando a capela tumular dos Pinheiros.

Novas obras vão mudando a face da cidade. em 1549, é lançada a primeira pedra para a construção do novo convento de Santa Clara. A sua construção e a abertura do novo terreiro, junto à rua de Santa Maria, levou à demolição de casas, pardieiros e quintais na rua de Santa Maria. Este edifício de grande escala e criador de um novo terreiro (atual largo Cónego José Maria Gomes) possui uma frontaria principal majestosa (1741), virada a oeste, bastante decorada, do qual a praça proporciona a distância necessária à leitura cenográfica desta fachada barroca de falsa simetria.

Igualmente, a edificação da igreja (de feição retabular), casa do despacho e hospital da Santa Casa, no Terreiro da Misericórdia, ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, proveram esse terreiro de uma conjugação recíproca de efeito monumental e cénico.

Um caso singular, de acrescentamento de estruturas barrocas num portal gótico encontra-se na Igreja do Convento de São Domingos. Em 1770, por voto de D. Rodrigo de Sousa da Silva Alcoforado refez-se a porta principal, conforme inscrição aí existente.

Vários casos encontramos de construção de torres sineiras, que são acrescentadas à fachada principal, citemos: a igreja de São Dâmaso e a desaparecida igreja de São Paio. Outro caso, deparamo-nos com o acrescentamento das duas torres sineiras no século XIX, que alteram a leitura cenográfica da igreja dos Santos Passos, no Campo da Feira.

Noutros casos, tal como sucedeu com a fachada do dormitório do Convento de Santa Marinha da Costa, foram dificuldades topográficas do terreno, que obrigam a determinadas opções construtivas, como seja a edificação de uma varanda, denominada de Frei Jerónimo, que remata a ala oriental. Simultaneamente, o extenso desenho da fachada da Igreja do Convento do Carmo, que acompanha o desnível topográfico da antiga rua da Infesta, justifica algumas das suas preferências construtivas.

Caso singular encontramos nos dois projetos da nova Casa do Cabido, um deles de 1772 e outro do final da década de 80 do século XVIII, que subsistiram até hoje. No entanto, nenhuns destes conjuntos de plantas foram postos em prática. O terceiro projeto, do qual desconhecemos a planta, foi materializado na fachada principal da Casa do Cabido (atualmente Museu de Alberto Sampaio). Em 1787, é celebrado o contrato de obra desta nova Casa Capitular, entre o Cabido e os mestres pedreiros. Para este empreendimento, o Cabido obtém autorização para que a pedra da torre da Senhora da Guia fosse aplicada na edificação deste imóvel. Mais tarde, o Cabido requer a total demolição da dita torre, que possibilitaria uma maior integração do edifício no espaço urbano vimaranense, que na época se renovava e se libertava das muralhas.

Em suma, nesta apresentação tentaremos relacionar a evolução e a integração das fachadas dos conventos femininos, igrejas paroquiais, ordens terceiras e da Misericórdia, na malha urbana ao longo dos séculos XVI a XVIII.